

y al prefacio del autor, en el que sintetiza las claves de la polémica, le sigue un enjundioso estudio introductorio que consta de cinco partes. La primera consiste en una revisión de la recepción de la Biblia Regia basada en los nuevos documentos hallados y estudiados por el autor en los últimos años. En la segunda analiza el pleito de la Biblia Regia desde tres puntos de vista: los tres escritos acusatorios de Castro, la defensa de Montano y la censura de Juan de Mariana como calificador en el proceso. En el tercer apartado de la introducción el autor ofrece algunas conclusiones sobre la polémica y el papel del informe del padre Mariana en el probable sobreseimiento de la causa que le ponía fin de manera provisional – en efecto, la controversia sería reavivada en 1579 por el propio Castro y por el obispo flamenco Guillermo Dámaso Lindano. En el cuarto apartado del estudio introductorio se exponen los criterios de edición y de traducción seguidos y, en el quinto y último, un nutrido aparato bibliográfico.

Tras la introducción se presentan los textos de los tres documentos compuestos por Montano, sometidos a una edición crítica rigurosa que incluye un aparato de fuentes clásicas y bíblicas. La traducción de los textos latinos, realizada con pulso firme, es escrupulosa y certera, y viene acompañada de un corpus de notas muy útil para el lector, pues permite identificar personalidades, sucesos y documentos relacionados con la polémica recepción de la Políglota. El volumen termina con un apéndice de cincuenta y tres láminas con los lugares de la Biblia Regia denunciados por Castro, seguido de los siempre necesarios índices antroponímico, toponímico y general.

La aparición de este volumen, que recupera y pone en valor la *Apología* de la Biblia Regia, es una excelente noticia para los estudios humanísticos, para la Filología Clásica y para la Filología Bíblica. Su autor nos obsequia con un trabajo rebosante de una erudición filológica levantada sobre el andamiaje de un método científico escrupuloso. Constituye, en definitiva, una meritoria aportación al conocimiento no solo de la destacada figura de Benito Arias Montano y de la recepción de la Políglota, sino también de las otras dos figuras implicadas en el pleito inquisitorial, León de Castro y Juan de Mariana.

JUAN CARLOS JIMÉNEZ DEL CASTILLO

Universidad de Jaén
jcjimene@ujaen.es

PEDRO CONDE PARRADO, XAVIER TUBAU MOREU, *Expostulatio Spongiae. En defensa de Lope de Vega, edición y traducción*, Madrid, Gredos, 2015. 479 pp. ISBN 978-84-249-2896-4

Expostulatio spongiae é o título em latim rebuscado de um panfleto publicado em 1618 que pretendeu defender o poeta Lope de Vega de um ataque, também publicado em latim, intitulado *Spongia*, da autoria de um (hoje) obscuro gramático, de seu nome Pedro Torres de Rámila (1583-1657). A obra de Conde Parrado e Tubau Moreu é precisamente um estudo seguido de edição e tradução da *Expostulatio spongiae* (na qual podemos ler o que resta da *Spongia* de Torres de Rámila já que não chegaram até nós exemplares). A *Expostulatio* foi publicada com secretismo, sob o pseudónimo Julius Columbarius e provavelmente também com um pseudo-impressor; pois, conforme notam os autores, a impressão creditada a Pierre Chevillot, impressor de Troyes, é provavelmente um expediente para esconder o facto de ter circulado clandestinamente e de mão em mão em Madrid (p. 21).

O estudo de Conde e Moreu mostra como esta estratégia de comunicação literária assente na encriptação se estende também ao registo de língua usado. De facto, o latim destes panfletos, a que é dedicado o segundo ponto do estudo introdutório, exhibe um estilo muito peculiar, caracterizado pelo uso de vocabulário tardio ou pouco usado na época clássica e pelo recurso constante a adágios e a alegorias. Sob esse aspecto ambos os panfletos, de autorias e intenções diversas, são semelhantes, conforme se pode ver nos

pontos 1. e 2. do estudo introdutório que contêm, respectivamente, indicações relativas à biografia de Torres de Rámila e à sua *Spongia*, e a uma breve apresentação da *Expostulatio spongiae*.

Justamente esse estilo peculiar permitiu a Conde e Moreu identificar primeiro os modelos da *Expostulatio*, e, depois, chegar ao seu verdadeiro autor. Entre esses modelos encontra-se primeiro a apologia jesuítica *Amphitheatrum honoris* (1602) do jesuíta flamengo Charles Scribani (1561-1629), que também publicou sob o pseudónimo Clarus Bonacursius. Em seguida, temos a *Expostulatio* o *Euphormionis Lusinini Satyricon* do escocês John Barclay (1582-1621), que era justamente uma sátira antijesuítica. Por último, Conde e Moreu assinalam como modelo da *Expostulatio* os *In Laurentii Ramiresii ad M. Valerii Martialis Hypomnemata Commonitoria* (1607), publicados sob o pseudónimo de Claudius Musambertius, aliás, o erudito Teodoro Marcílio que com essa obra respondia aos *Hypomnemata ad lib. Spectaculorum et quatuor primos epigrammaton M. Valerii Martialis*, publicados em 1607 e nos quais Ramírez de Prado atacava os comentaristas anteriores. A ligação de Teodoro Marcílio à *Expostulatio*, notam os autores (p. 54), ultrapassa o estatuto de modelo literário, pois o erudito docente do Collège Royal assina, com o seu nome verdadeiro, um dos *elogia* que figuram na *Expostulatio*. Para todas estas obras o estudo introdutório documenta a influência na *Expostulatio* mediante a comparação de textos e o levantamento de vocabulário comum. Partindo da identificação destes modelos, Conde e Tubau lograram identificar como autor da *Expostulatio* Juan de Fonseca y Figueiroa (1585-1627), cónego de Sevilha bem relacionado no meio intelectual e artístico (quer da Espanha quer da Europa) do primeiro quartel do século XVII e profundo conhecedor da filologia clássica. Sendo escassas as suas publicações, Fonseca deixou principalmente obras manuscritas, nomeadamente um opúsculo sobre os nomes do *Satyricon* de Barclay (cf. p. 58 ss). Aliás, para corroborar essa ligação de Fonseca a esta obra, os autores assinalam que o erudito espanhol tinha escrito uma defesa de Ramírez de Prado contra Marcílio de que se arrependeu mais tarde com a leitura dos *Commonitoria* deste último. A autoria de Fonseca é demonstrada ainda com base noutros dados, nomeadamente, com as suas epístolas filológicas, que se encontram manuscritas (BNM 12639) e que servem a Conde e Tubau para demonstrar a forte influência estilística de Júlio César Escalígero como traço comum entre a *Expostulatio* e as epístolas de Fonseca.

Novamente recorrendo ao mesmo processo indutivo, os autores partem das semelhanças entre uma secção da *Expostulatio*, intitulada *Oneiropaegnion siue Iocus*, e a *Satyra Menippaea Somnium* de Justo Lípsio para corroborarem a autoria de Fonseca para a *Expostulatio* (pp. 75-90). Ambas as obras, com efeito, partilham o mesmo esquema narrativo, além de uma clara intertextualidade documentada com tabelas no estudo introdutório. Na secção 2.2.11. do estudo introdutório, os autores confirmam ainda essa tese com o facto de Fonseca ser admirador e leitor de Lope de Vega a ponto de ter redigido um comentário à *Jerusalén conquistada*. A referida secção contém, a modo de epílogo, uma caracterização do ambiente intelectual em que Fonseca se movia e dos seus métodos de trabalho. Notam os autores a este respeito a relação de alguns dos citados modelos da *Expostulatio* com o tema jesuítico que percorria a literatura europeia de então (p. 94).

No apartado seguinte do estudo introdutório (2.3.1.), os autores analisam as ideias da *Expostulatio* partindo daquilo que se supõe ser o conteúdo da *Spongia* de Torres Rámila, ou seja, uma invectiva que visa sobretudo a *Arcadia*, *La hermosa de Angelica*, *La Dragontea* e *Jerusalén conquistada* (pp. 97-122). Entre as ideias discutidas na *Expostulatio* (e, naturalmente, na *Spongia*) a respeito das obras de Lope de Vega saliente-se o seu paralelismo com a polémica que se instalou no século XVI quando se tentou avaliar a qualidade literária de obras contemporâneas segundo as regras da preceptística de recorte aristotélico – tentativa de que é exemplo, citado pelos autores, a discussão sobre a falta de unidade do *Orlando Furioso* de Ariosto.

O apartado seguinte é dedicado a uma parte da *Expostulatio*, a *Appendix*, assinada por um outro autor, Alfonso Sánchez. Na *Appendix*, Alfonso Sánchez interpreta a teoria aristotélica da arte como imitação da natureza com o pressuposto de que se a natureza

a imitar muda, segue-se necessariamente a variação histórica da arte. Os investigadores concluem que o papel das teorias aristotélicas nesta polémica desde a *Spongia* de Rámila à *Expostulatio* de Fonseca y Figueiroa/Sánchez é diverso em termos de importância. Com efeito, se a *Spongia* de Rámila se pode definir, conforme afirmam Conde e Tubar nas conclusões a respeito desta primeira parte da *Expostulatio*, como uma tentativa de “aplicar esos conceptos [sc. aristotelicos] en un ejercicio de crítica literaria” (p. 128), para Fonseca y Figueiroa as teorias aristotélicas não têm qualquer interesse; mas para Sánchez, ao invés, as ideias aristotélicas eram tidas em conta embora a sua interpretação, como se viu, fosse diferente da de Rámila.

Após esta análise da primeira parte da *Expostulatio*, os autores apresentam as restantes partes do texto que se caracterizam pelo seu carácter heteróclito e circunstancial: a epístola ao duque de Sessa; epístola ao leitor; um como que prólogo, intitulado no peculiar latim do texto *Prothyraeum*; os *Elogia illustrium virorum pro Lupo a Vega Carpio* e os *Varia illustriorum virorum poemata*.

O ponto 3.6. retoma a questão da autoria tomando por base a assinatura da portada da obra em que se lê *auctore Iulio Columbario*. Conde e Tubau apresentam uma explicação para o pseudónimo (pp. 143 ss) e corroboram novamente o papel de organizador e autor que Fonseca y Figueiroa desempenhou na elaboração desta apologia de Lope de Vega.

O estudo conta ainda com dois apêndices: um com o texto e a tradução de uma sátira contra Torres Rámila, assinada por um *Franciscus antidadascalus*; o segundo com a análise bibliográfica dos diversos espécimes da *Expostulatio*.

Depois deste estudo introdutório o leitor encontra a edição anotada do texto latino, seguida da tradução. Ao percorrer a edição e as suas notas fica-se inevitavelmente impressionado pela amplitude temporal da latinidade que se encontra nesta obra: desde a latinidade clássica até à latinidade recente de Quatrocentos ou Quinhentos (Poliziano, Erasmo, Escalígero, Lípsio...). Em atenção à quantidade de autores envolvidos no texto e dado que muitos dos termos usados na *Expostulatio* são *hapax* já na latinidade antiga, seria muito útil um índice com pelo menos algum do vocabulário exótico que estes escritores tanto apreciavam.

O leitor encontrará, pois, neste livro uma investigação filológica rigorosa em torno de uma obra que sintetiza bem uma época em que a literatura latina e a literatura vernácula funcionavam como verso e averso. Mas também encontrará, atrevo-me a acrescentar ao que escrevem os autores desta investigação, um documento da redução do acantonamento da língua latina a usos obscuros e a um jargão técnico, que conferem à obra uma ambivalência nas suas relações com o espaço público; longe, portanto, dos cultores da latinidade dos séculos XV e XVI que se serviam do latim para intervirem em questões de interesse social, político ou religioso.

ARMANDO SENRA MARTINS
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
adsm@uevora.pt

NOËL GOLVERS (ed.), Ferdinand Verbiest, *Postulata Vice-Provinciae Sinensis in Vrbe Proponenda*, A blueprint for a renewed SJ mission in China, Leuven, F. Verbiest Institute, 2018. 248 pp. ISBN 978-94-9276-805-6

Noël Golvers, sem dúvida alguma um dos maiores especialistas em textos produzidos pelos missionários europeus na China nos séculos XVI-XVIII, disponibiliza na obra em epígrafe uma edição dos *Postulata* de Ferdinand Verbiest, um texto inédito fundamental para o conhecimento do estado da evangelização no extremo oriente em finais do século XVII. O flamengo Padre Verbiest, que veio a ser reconhecido como uma das perso-